

### PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS ACERCA DO “MAL DO SÉCULO”: DEPRESSÃO E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

**Simone Abramoff dos Santos<sup>1</sup>.**

Universidade São Judas Tadeu (USTJ), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/9372999660053495>

**RESUMO:** A depressão considerada o “mal do século” está na moda, visto o aumento de diagnósticos e prescrições médicas incentivadas pela indústria farmacêutica. A Depressão poderia ser uma manifestação contemporânea do mal estar? Este trabalho objetiva abordar a depressão pela teoria psicanalítica, associando-a ao mal-estar contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa conceitual em Psicanálise, utilizando o método de interpretação de textos, realizada mediante levantamento de referências publicadas em livros, artigos e fontes eletrônicas. Depressão deriva do latim *de* (para baixo), *premere* (pressionar): pressionar para baixo. A sociedade contemporânea contribui à promoção de deprimidos por exigir felicidade e gozo excessivos a favor do capitalismo. Para a psicanálise, a depressão é um estado afetivo de tristeza e desânimo crônicos, no qual o sujeito depressivo desconhece ou cede a seu desejo, não simbolizando a ausência e em sua onipotência narcísica, recua a rivalizar com o pai (Édipo), permanecendo submisso à mãe e sentindo-se culpado. Para Kehl (2009) o deprimido é aquele sujeito que ao mesmo tempo que tudo pode, nada quer e nada deseja, por não se permitir falhar e ser derrotado. Freud (1930) destacou no mal-estar na civilização a restrição da liberdade e da satisfação dos sujeitos. A sociedade contemporânea, com suas exigências de gozo imediato e ilimitado produz sujeitos deprimidos, impossibilitados de desejar e que ao apressar a vida, torna-a vazia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Depressão. Mal-estar. Psicanálise.

### PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVES ON THE ‘EVIL OF THE CENTURY’: DEPRESSION AND DISEASE IN CIVILIZATION

**ABSTRACT:** Depression considered the ‘Evil of the Century’ is in fashion, given the increase in diagnoses and medical prescriptions encouraged by the pharmaceutical industry. Could Depression be a contemporary manifestation of Malaise? This work aims to approach depression through psychoanalytic theory, associating it with contemporary malaise. This is conceptual research in Psychoanalysis, using the text interpretation method, carried out by surveying references published in books, articles and electronic sources. Depression

derives from the Latin for (down), *premere* (to press): to press down. Contemporary society contributes to the promotion of depressed people by demanding excessive happiness and enjoyment in favor of capitalism. For psychoanalysis, depression is an affective state of chronic sadness and discouragement, in which the depressed subject is unaware of or gives in to his desire, not symbolizing absence and in his narcissistic omnipotence, retreats to rival his father (Oedipus), remaining submissive to his mother and feeling guilty. For Kehl, the depressed person is that person who, at the same time as he can do everything, wants nothing and desires nothing, because he does not allow himself to fail and be defeated. Freud (1930) highlighted in the malaise in civilization the restriction of freedom and satisfaction of subjects. Contemporary society, with its demands for immediate and unlimited enjoyment, produces depressed individuals, unable to realize their desires, who, by rushing life, make it empty.

**KEY-WORDS:** Depression. Malaise. Psychoanalyst.

## INTRODUÇÃO

A depressão considerada o mal do século tem aparecido cada vez mais frequentemente na clínica contemporânea. O aumento do número de casos se dá em função de questões individuais acompanhadas por questões sociais, suscitando pontos relevantes de análise da nossa sociedade que cada vez mais tem proporcionado felicidade instantânea, medicalizando todo e qualquer sofrimento ou angústia, chegando a impedir o sujeito de entrar em contato com as frustrações oriundas da dor do existir, substituindo esse vazio existencial por produtos consumíveis. Conforme Kehl (2009) “A depressão é a expressão de mal-estar que faz água e ameaça afundar a nau dos bem-adaptados ao século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo e, como já se tornou chavão, do consumo generalizado”.

A depressão parece estar na moda, por um lado as pessoas dizem-se deprimidas e por outro os diagnósticos depressivos fornecidos pelos médicos vêm sendo agravados pelo excesso de parâmetros incentivados pela indústria farmacêutica que incluída na sociedade capitalista, incentiva médicos a receitarem antidepressivos.

Considerando uma falta de consenso no que tange os parâmetros que delimitam tal patologia pode se postular a pergunta - o que é a depressão? Tal questionamento merece uma investigação mais aprofundada que irá remeter a uma pesquisa histórica, buscando sua etiologia na antiguidade e trazendo à tona os conceitos desta época, além das visões psiquiátrica, freudiana e pós-freudiana para chegar ao conceito de Depressão contemporânea que se apresenta na clínica psicanalítica contemporânea.

O texto de Freud (1930) “O mal estar na civilização” discute o objetivo da vida humana: a felicidade, que pode ser conquistada por duas maneiras; uma pela busca de experiências de prazer intenso, que raramente ocorre, e outra evitando o sofrimento e fugindo

ao desprazer, adiando a consecução deste prazer para um tempo futuro. Freud também aponta três entraves à consecução da felicidade almejada: o corpo, que padece, adocece e falece; as forças da natureza, que são difíceis de controlar; e ainda, como mais penosa fonte de sofrimento as relações humanas. Um sujeito se une a outro para se fortalecer e no grupo estabelece relações e regras entre seus membros, limitando o campo de ação de um sujeito isoladamente e originando o sofrimento advindo do conflito entre as pulsões individuais e os ideais civilizatórios. Diante da impossibilidade de ter suas necessidades e desejos atendidos e das exigências sociais de felicidade instantânea e imediata, o homem se vê acuado, não sendo a ele permitido ponderar, entristecer, sofrer e curar suas próprias feridas, ao seu tempo. É interessante observar o paradoxo entre um sujeito que deseja felicidade irrestrita e mesmo em meio a uma sociedade que promove tal ideal, o sujeito não se sinta ele próprio feliz. “Nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição” (FREUD, 1930).

Seria a depressão uma manifestação contemporânea do mal estar? O sujeito acelerado do contemporâneo, que não consegue atender às exigências sociais de prazer o tempo todo e consumo desenfreado para o bem capitalista, tem a possibilidade de se deprimir pelo sentimento de insuficiência, de não dar conta daquilo que dele é exigido. Kehl (2009) em sua obra “o tempo e o cão” afirma que “o projeto pseudocientífico de subtrair o sujeito - sujeito de desejo, de conflito, de dor, de falta - a fim de proporcionar... uma vida sem perturbações acaba por produzir exatamente o contrário: vidas vazias de sentido, de criatividade e de valor”.

Numa retomada histórica acerca da depressão, tendo por base a obra do psiquiatra Táki Cordás “Depressão da bile negra aos neurotransmissores” na qual busca-se descobrir se a patologia descrita atualmente já era conhecida ou se é algo novo particular da sociedade contemporânea. Recorrendo aos registros históricos, descobre-se que a depressão tem seus estudos iniciados lá na antiguidade, como melancolia, com outro nome, outra roupagem e outros critérios diagnósticos, diferentes de como a conhecemos hoje. Somente a partir do século XIX que a depressão aparece na literatura com características nosológicas atuais, fazendo-se a diferenciação e a separação conceitual entre ela e sua antecessora, a melancolia, a qual designava qualquer tipo de loucura.(CORDÁS, 2002)

Inicialmente a melancolia é apresentada a partir do texto de Freud (1917) “Luto e Melancolia”. Mediante as reflexões teóricas de psicanalistas contemporâneos, principalmente, Antonio Quinet, Daniel Delouya e Orlando Coser é importante destacar que no tocante à clínica psicanalítica não há identidade entre melancolia e depressão, mesmo com as freqüentes analogias sintomáticas entre elas. O sujeito depressivo esconde-se em seu próprio tempo, renunciando de investir em seu desejo para se desviar dele, esquivando-se também das demandas de gozo do “outro”, sendo necessário o acolhimento do analista para que possa, a seu próprio tempo e passada a angústia da presença do analista, tornar “suportável o confronto com a ausência de um sentido previamente estabelecido para sua existência” (KEHL, 2009).

Nossa sociedade apresenta características muito peculiares pertinentes à época em que vivemos, num tempo muito escasso e que apressado, passa rápido! O sujeito é chamado a dar conta de assimilar todas as mudanças tecnológicas, sociais e seus impactos nas relações humanas. É também convidado, quase que forçosamente com tantos recursos científicos, a estar bem e demonstrar felicidade o tempo que está com os outros: no grupo familiar, no trabalho, nos ambientes estudantis, no lazer, no esporte, entre amigos, e até dormindo sozinho parece lhe ser proibido ter pesadelos ou apenas experienciar uma noite ruim.

A disponibilidade da indústria farmacêutica em medicalizar a vida nas mais sutis manifestações de dor, de sofrimento, de tristeza, de desamparo, tornam os sentimentos e as produções psíquicas relegadas a um plano que nossa sociedade gostaria de extirpar tanto do dicionário quanto da realidade. Segundo Kehl (2009) “a exclusão medicamentosa das expressões da dor de viver acaba por inibir, ou tornar supérflua, a riqueza do trabalho psíquico - o único capaz de tornar suportável e conferir algum sentido à dor inevitável diante da finitude, do desamparo, da solidão humana”.

Considerando-se que a depressão - cada vez mais presente no campo social, médico e clínico - tem sido apontada como um fenômeno mundial, o “mal do século”, a relevância deste estudo justifica-se pela importância de se pesquisar e poder assim, construir um saber sobre o tema. Os resultados da pesquisa poderão ajudar os profissionais de psicologia e da psicanálise a conhecer e refletir sobre a depressão, sua evolução histórica, sua concepção na psiquiatria e principalmente, sua abordagem pela teoria psicanalítica.

## OBJETIVOS

O objetivo principal deste trabalho é investigar o conceito de depressão, sua evolução histórica, sua concepção na psiquiatria e principalmente, sua abordagem pela teoria psicanalítica, correlacionando-a como um fenômeno contemporâneo do mal-estar na civilização.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa conceitual em psicanálise, utilizando o método de interpretação de textos. A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento de referências bibliográficas publicadas em livros, artigos e fontes eletrônicas, tendo sido realizada uma coleta de material a partir da leitura exploratória e seletiva de textos representativos do fenômeno investigado, seguido de uma leitura sistemática e analítica interpretativa dos textos para a construção de um discurso acerca do tema.

A pesquisa investigou o conceito de depressão e de mal-estar a partir principalmente da obra de Freud e de alguns de seus comentadores contemporâneos. Foram analisados principalmente os textos “Luto e Melancolia” (1917) e “O mal estar na civilização” (1930).

Além de Freud foram analisadas as obras de autores contemporâneos, psicanalistas ou não que discutem o tema, tais como Maria Rita Kehl “O tempo e o caos” (2009), Antonio Quinet “Psicose e laço social” (2006), Daniel Delouya “Depressão” (2008), Joel Birman “Mal-estar na atualidade” (2005), Orlando Coser “Depressão” (2003), Táki Cordas “Depressão da bile negra aos neurotransmissores”, Zigmunt Bauman “O mal estar da pós-modernidade” (2005).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu texto “O mal estar na civilização”, Freud (1930), aborda o propósito da vida humana: a busca pela felicidade. A felicidade apresenta-se segundo Freud de dois modos, um como busca de experiências de prazer intenso, e considerando que tais situações são repentinas, quando temos uma necessidade saciada ou uma satisfação plena com algum acontecimento, os demais fatos tornam-se indiferentes como produtores da felicidade, e outro evitando o sofrimento e fugindo ao desprazer, que adia a obtenção de prazer a um segundo momento.

Estamos, por estrutura, mais acostumados ao cerceamento de nossos desejos e ao sofrimento que segundo Freud (1930) advém de três fontes: do corpo que irá se adoecer e se dissolver, do mundo externo que se voltará contra o sujeito com força destruidora e por fim e mais complexo e penoso, os relacionamentos humanos.

É certo que o corpo humano é vulnerável ao padecimento, ao adoecimento e à finitude e quanto a isto, pouco se pode fazer; respeitá-lo em suas necessidades biológicas e manter a qualidade de vida necessária ao prolongamento de sua vida útil, como máquina, pode adiar a angústia da morte, porém não a detém. O avanço tecnológico, embora tenha provocado maior controle sobre as forças da natureza, não aumentou a felicidade humana. O homem moderno sente-se acuado, diante de uma exigência de felicidade cada vez mais impossível de ser alcançada; tornando o vazio, o tédio e a perda de sentido da vida queixas frequentes e sintomas atuais do mal estar contemporâneo. Como questiona Freud (1930) “enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” A conclusão que podemos obter ainda segundo o pensamento e a obra de Freud é que “a felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo”.

Nas relações humanas os sujeitos unem-se para estabelecer uma maioria - portanto, mais forte - contra sujeitos isolados; criando regras a serem seguidas pelo grupo inteiro, cuja função é de proteger e defender os sujeitos unidos em comunidades dos sujeitos isolados. Ao estar inserido na sociedade, o sujeito abdica de seu desejo para cumprir regras estabelecidas à proteção de quem as criou, tal restrição conduz ao cerceamento das pulsões individuais gerando conflitos tensionais e sofrimento. Mas Freud (1930) também aponta para formas de evitar o sofrimento das relações sociais, através da sublimação torna-se possível fugir ao embate das exigências pulsionais e das restrições da civilização, deslocando a libido para atividades irrestritas de consecução de prazer num universo permissivo - tudo

pode sem censuras. A realidade é percebida por outro aspecto, outro prisma, outro olhar e reproduzida, transformada e exposta para apreciação e pura contemplação dos olhares comuns, vinculados ao princípio da realidade dos sujeitos ou sem imaginação ou sem o dom da criação e da arte. O que é impossível ao mundo concreto, o simbólico aceita de bom grado, a fantasia interagindo com a realidade permite prazer e fuga do sofrimento simultaneamente. Freud aponta ainda para a insegurança das escolhas humanas e a falta de garantias para se atingir o objetivo da vida - a felicidade.

Kehl incita-nos a pensar nossa cultura pela obrigação social de estarmos felizes o tempo todo, mitigando e banalizando desejos, anseios, medos e não permitindo ao sujeito a dor do viver, seja no viés de uma simples tristeza por mais efêmera que possa ser, seja pela falta de objeto libidinal do depressivo. O sujeito que vai contra as vias do desejo e da ditadura do consumo - como que unindo satisfação de desejo estritamente pela aquisição de bens materiais - tem ainda seu sofrimento aumentado pela intolerância social a esta recusa.

Joel Birman (2005), psicanalista radicado no Rio de Janeiro, fala que na cultura do narcisismo, o sujeito autocentrado é aquele que estando totalmente ajustado às exigências sociais, aparece com excesso de exterioridade para o gozo da admiração do outro na “sociedade do espetáculo”. O espetáculo é aquele onde o ator se utiliza de máscaras para encenar seus personagens e atuar para admiração e contemplação do espectador e da mesma forma, na vida o sujeito se veste de máscaras para desfilarem “no cenário social” exibindo somente aquilo que o outro deseja ver, tornando-se descartável ao reduzir seu eu (ego) e ignorar sua individualidade, destacando-se o parecer e o ter, ao próprio ser, a perda de sua subjetividade para mostrar algo que o social anseia ver. Ainda segundo Birman (2005) “o problemático é quando o sujeito não é assim e é recusado pela sociedade, como acontece com os deprimidos”. Mergulhado nos imperativos de gozo da sociedade do espetáculo, o homem moderno sente-se acuado, diante de uma exigência que se torna cada vez mais impossível de ser sustentada.

Antonio Quinet (2006), psicanalista, pontua que estamos sob o domínio capitalista no qual os seres humanos se cercam de objetos tecnológicos, os investimentos nas relações sociais estão à mercê de mercadorias e mensagens. Tal alteração nas relações humanas incita certamente ao sujeito certo poder de “conectar-se ou desconectar-se do outro” de modo muito rápido, instantâneo, dependendo do desejo próprio o que por um lado parece tentador, por outro traz uma consequência indesejável e ao mesmo tempo inevitável - o sentimento de vazio, de falta, de tédio e de tristeza, pois se perde o brilho do contato real, imprescindível da condição dos homens. O sujeito neurótico que não consegue atender às exigências sociais de gozo tem a possibilidade de deprimir pelo sentimento de insuficiência, de não dar conta daquilo que dele é exigido, e a tentativa de excluir do sujeito o desejo, o conflito, a dor e a falta como uma vida falsamente equilibrada produz a desumanização ao não legitimar tais sentimentos e condições, produzindo justamente o oposto, vidas sem sentido, vazias, sem criatividade e nem valor. (KEHL, 2009)

O que antes era reconhecido como norma não serve mais como referência, os valores se alteraram sem consistência para atender às novas exigências meramente estéticas e, com isso, segundo Zygmunt Bauman, sociólogo, em sua obra “O mal estar da pós modernidade” (1998) afirma que “o mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível”.

Vivemos num tempo sem futuro, sem modelos ou heróis, sem referenciais de identificação, sem sonhos e sem desejos de investimentos libidinais individuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise entende a Depressão como um afeto triste, um estado afetivo de tristeza e desânimo crônicos, um estado depressivo, cuja compreensão ocorre dentro da estrutura neurótica, que apresenta no cerne de sua sintomatologia a quietude, o isolamento social e o conformismo excessivo diante da vida. Para Delouya (2008) o depressivo não simboliza a ausência e teme deixar de existir e desintegrar-se. O tempo que lhe é necessário para se organizar frente às ameaças, torna-o lentificado. Prazer e gozo não lhe pertencem, uma vez que não possui desejo. Já para Quinet (2006) o depressivo é aquele que desconhece seu desejo e, portanto, não cumpre o dever ético da psicanálise de decifrar seu desejo, porém desconhecer não implica um sujeito sem desejo, já a recusa em saber sobre ele provoca uma dor ainda maior, uma dor moral. A dor pode refletir um gozo excessivo, mas também a castração e a falta. A dor da depressão entristece o sujeito pela perda do Ideal, aquele ou aquilo que encobria a falta e não permitia o contato com a castração.

Para Coser (2003) o depressivo possui uma “onipotência narcísica que paralisa o sujeito” diante da ilusão fálica de ser colocado ao gozo do outro, “ilusão não somente de obter a completude, mas a de obtê-la completando o outro” e deste modo tem o empobrecimento de seu eu e o apagamento de sua subjetividade que o depressivo revela.

O tempo para o homem contemporâneo é marcado pela velocidade das informações, das transformações, das ações, dos pensamentos e das relações. Estamos vivendo uma aceleração não somente das inovações tecnológicas como também da vida, num ritmo frenético onde mal conseguimos absorver mudanças recentes e somos incitados por novas mudanças, se tornando necessário essa constante velocidade para existirmos.

Com o avanço tecnológico as pessoas ganham tempo e paralelamente, não sabem como utilizá-lo. O ócio, também como tempo de elaboração psíquica das mudanças, não é permitido. Ganha-se tempo e dele não se dispõe nem para adoecer, nem para sofrer ou para processar as informações corriqueiras, todas as ações devem ser instantâneas como um clique fotográfico, registra-se cada momento para certificar-se de que tal momento existiu de fato, pois corre-se o risco de perdê-lo no esquecimento da relação do homem contemporâneo com seu tempo efêmero, volátil e apressado.

Diante do excesso de informações simultâneas, onde o sujeito é obrigado a estar feliz sempre, a indústria farmacológica dispõe de soluções que atendem às demandas de cura instantânea através da medicalização cada vez mais intensa, de quaisquer manifestações sejam elas de cansaço ou tristeza ou a própria angústia de existir.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2005.

CORDÁS, Táki. A. **Depressão da Bile Negra aos Neurotransmissores: uma introdução histórica**. São Paulo: Lemos; 2002.

COSER, Orlando. **Depressão: clínica, crítica e ética**. 20ª.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.

DELOUYA Daniel. **Depressão, clínica psicanalítica**. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2008.

FREUD Sigmund. (1917). **Luto e Melancolia**. In: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros Trabalhos (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago; 2006. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).

FREUD Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. (1930). In: O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago; 2006. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

KEHL Maria Rita. **O tempo e o cão: atualidades das depressões**. São Paulo: Boitempo; 2009.

QUINET Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2006.